

Em 2008, 45% do custo da energia era imposto

Consultoria mostra que o setor paga um total de 20 tributos e encargos sociais

Renée Pereira

Um dos principais vilões do custo da energia no Brasil é a carga tributária, que saltou de 35,91% em 2002 para 45,08% em 2008, segundo estudo da PricewaterhouseCoopers. Nesse período, a arrecadação cresceu 115%, de R\$ 21,4 bilhões para R\$ 46,2 bilhões – resultado de 20 tributos e encargos sociais e setoriais.

“A conta de energia virou um varal para pendurar todo tipo de encargo. A maior esperança para reduzir o valor da tarifa sempre foi eliminá-los”, afirma o coordenador da Comissão de Energia da Associação Brasileira de Alumínio (Abal), Eduardo Spalding.

Ele destaca, porém, que a realidade tem se mostrado outra. Alguns encargos que deveriam ser extintos, conforme determina a lei, são sempre prorrogados por mais algum tempo. É o caso da

Reserva Global de Reversão (RGR), que acabaria no fim deste ano, mas deve ser estendida.

Outro exemplo é a Conta do Consumo de Combustível (CCC), usada para subsidiar a tarifa da Região Norte, onde a geração é térmica. Em vez de ser extinta, a cobrança praticamente dobrou de 2009 para cá. Este ano, serão recolhidos do consumidor R\$ 4,8 bilhões.

O diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Nelson Hubner, reconhece que a carga do setor é elevada. Mas avalia que o problema apenas seria resolvido com uma reforma tributária. Em relação aos encargos, ele diz que se trata de uma opção do governo. “O dinheiro da CDE (Conta de Desenvolvimento Energético), por exemplo, é usado para a universalização dos serviços de energia. Isso não é ruim.”

Outro fator que tem pesado

bastante nas tarifas é o custo do sistema de transmissão, que saltou 500% em dez anos. Esse foi o preço para expandir a malha nacional, que até 1999 contava com 67.048 km de extensão. Mas o aumento do custo da transmissão é um mal necessário. Em 2001, o Brasil entrou no racionamento porque não tinha transmissão suficiente para trazer energia do Sul para o Sudeste.

Concessões. Uma alternativa para reverter o quadro de alta das tarifas de energia é a renovação das concessões das usinas elétricas, que vencem em 2012. Como a maioria das unidades é antiga e já foi amortizada, o governo poderá definir uma tarifa (bem menor que a atual) para a empresa que quiser continuar com a concessão.

A medida terá impacto direto na conta de luz de todos os consumidores brasileiros, avalia o

coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Gesel/UFRJ), Nivalde de Castro. Até 2015, vence a concessão de cerca de 20 mil megawatts (MW) de potência instalada.

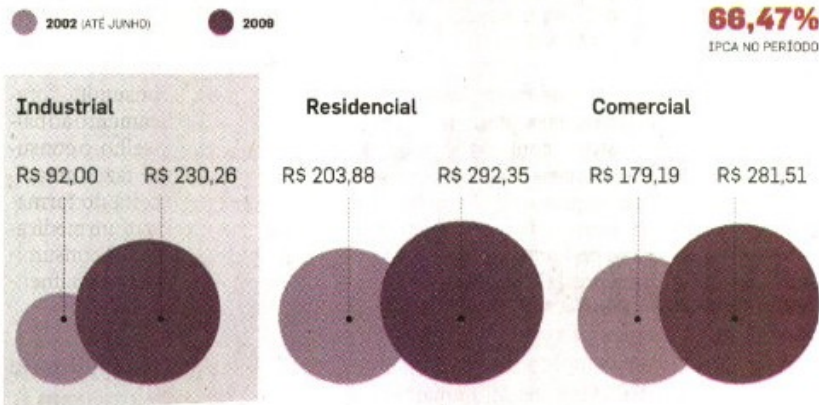
Hubner acredita que a renovação das concessões também possa permitir reequilíbrio de tarifas nas diversas regiões do País. Ele destaca, porém, que a medida dependerá de amparo legal e deve ficar para o próximo governo. O problema é que, em 2012, vencem vários contratos de energia velha, aquela que foi vendida no leilão de 2004.

Se até lá a questão das concessões não estiver resolvida, o governo terá de fazer um leilão de médio prazo. “É aí que mora o perigo. Se essa energia for vendida a preços atuais, o aumento no custo da tarifa seria de 25%”, calcula o diretor da Fiesp/Ciesp, Julio Diaz.

EM ALTA

● Preço de energia para o setor industrial subiu 150% desde 2002

Evolução das tarifas de energia

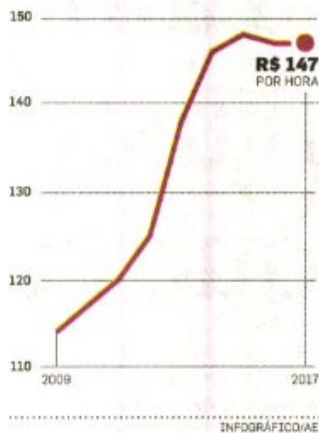


Ranking maiores tarifas

- 1º Itália
- 2º Reino Unido
- 3º **Brasil**
- 4º Japão
- 5º Alemanha

FONTES: ANEEL E FTESP/CIESP

Previsão do preço da geração de energia



PARA LEMBRAR

Elétricas são campeãs de rentabilidade

A combinação de aumento nas tarifas e crescimento do consumo garante às empresas de energia elétrica rentabilidade acima da média dos demais setores da economia brasileira. Levantamento feito pela empresa de informação financeira Economática mostra que as elétricas são as campeãs de rentabilidade sobre o patrimônio líquido.

Um dos maiores retornos verificados no setor é o da geradora AES Tietê, que no ano passado alcançou 155%. Nesse

caso, afirmam analistas, a explicação está no fato de as usinas serem quase todas amortizadas. Portanto, o gasto da empresa é apenas com manutenção das instalações.

Além disso, as empresas de energia elétrica têm sido fortemente beneficiadas pelo crescimento econômico. Com mais demanda, a indústria e o consumidor residencial usam mais eletricidade – entre 2002 e 2009, o consumo subiu 32%.

Isso eleva as receitas das companhias do setor, sejam geradoras ou distribuidoras. Na Eletropaulo, maior concessionária do País, o retorno sobre patrimônio ficou em 32% – no mesmo patamar das grandes instituições financeiras.

Preço do gás desafia indústria

(Roberto Francellino)

A indústria do gás natural está vivendo um momento de grande incerteza econômica devido ao comportamento dos preços do energético que, após a crise financeira mundial, se desalinhou dos preços do petróleo mantendo-se num patamar baixo. A constatação é do professor do Grupo de Economia de Energia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e também vice-presidente para Assuntos Acadêmicos da International Association for Energy Economics, Edmar Almeida.

Almeida presidirá a sessão Geopolitics of Natural Gas, que acontece nesta quarta-feira (9/6) durante a 33ª IAEE International Conference, esta semana no Rio de Janeiro (RJ).

O especialista considera que a queda no preço do gás, provocada pela ascensão do gás não convencional (shale gás) na América do Norte, representará um desafio importante para a indústria do GNL, que apostava em preços mais altos no atual e futuro cenário. Os atingidos seriam os projetos recentes e os em construção. Isso porque muitas empresas fecharam contratos de longo prazo obtendo como referência o Henry Hub (preço de negociação na Nymex) e agora o cenário se inverteu. As consequências já estão sendo sentidas nos mercados maduros de gás e também na América Latina.

Quais tópicos serão abordados durante a sessão Geopolitics of Natural Gas?

Os principais tópicos são as mudanças que ocorreram na dinâmica econômica da indústria do gás nos últimos meses e seus impactos para a demanda e o comércio mundial de gás, inclusive na nossa região.

Quais são hoje as principais preocupações da indústria mundial do gás?

A indústria do gás vive um momento de aumento da incerteza econômica. Os preços do gás natural vêm evoluindo de forma diferente do esperado. O principal preço de referência na Bacia do Atlântico é o preço do mercado spot nos EUA (Henry Hub). Este preço tradicionalmente sempre se alinhou aos preços do petróleo. Entretanto, depois da crise de 2008 observou-se que o preço do Henry Hub manteve-se num patamar relativamente baixo. Isto tem impactado de forma direta projetos relacionados com o comércio de gás, em particular na cadeia do GNL.

Como o shale gas está mudando os negócios com gás natural nos EUA e em outras partes do mundo? Até que ponto ele é uma realidade?

Este é exatamente o tema da primeira palestra de Amy Myers Jaffe (Shale Gas, Carbon Pricing and Petro-Politics: The Changing Geopolitics of Natural Gas). Tudo indica que as inovações na área do gás não convencional estão mudando o potencial de produção na América do Norte com impactos importantes para o comércio mundial de gás e os preços esperados.

Como fica o futuro no GNL no mundo diante do shale gas?

A queda do preço do gás em função do gás não convencional representa um desafio importante para os projetos de GNL recentes e os em construção. Muitas empresas fecharam contratos de longo prazo tendo como base o preço do Henry

Hub e agora estão enfrentando problemas. A palestra de Adam Sieminski, do Deutsche (Bank), abordará esta questão. Marco Tavares, da Gas Energy, vai discutir o impacto destas questões para o comércio de gás na nossa região. O Peru, por exemplo, está enfrentando problemas com seu projeto de exportação de GNL. O preço baixo do gás tem gerado questionamentos quanto à política de exportação de gás do país. Enfim, os fundamentos da geopolítica do gás natural estão sendo questionados pelas mudanças inesperadas no contexto do mercado de gás.

O que esperar do preço do gás natural nos próximos anos?

Esta é a principal dúvida que o setor vive neste momento. Deixo a resposta para o seminário. Tenho certeza que esta sessão trará bons elementos de resposta para esta e outras questões importantes quanto ao futuro da indústria de gás no mundo.